

## A IGREJA DO FUTURO, CONSTRUÍDA NO PRESENTE

Às vésperas do início da Jornada Mundial da Juventude, a imagem inédita, instigante, de dois papas assinando uma encíclica, e o anúncio da canonização de dois outros papas, João XXIII e João Paulo II, levam-me à pergunta que o Papa Paulo VI fez a si mesmo e aos Padres Conciliares no início da IIª Sessão do Concílio Vaticano II, em 1965, quando eu tinha 12 anos: “**Que Igreja somos, que Igreja queremos ser?**”.

Quando se refere à Igreja Católica, a mídia, em geral, está falando da Instituição, da hierarquia de uma das mais antigas organizações mundiais de que se tem notícia.

Para além das categorias midiáticas, Igreja é mais que isso. Passa pela hierarquia e vai além, se faz povo, Povo de Deus.

Esta Igreja atravessou dois milênios de História e permanece viva, atuante, e agora, no início do seu terceiro milênio de existência, se vê às voltas com uma profunda crise ética e moral em suas instâncias de poder e de identidade, nas suas comunidades eclesiais. Ao mesmo tempo, na figura do Papa Francisco, demonstra extraordinária capacidade de se refazer, se *re-conhecer* e retomar a caminhada e, nas suas comunidades, continua a soprar o Espírito que *faz novas todas as coisas*.

Penso a Igreja e os Papas do meu tempo histórico (*ver imagem*), suas crises, luzes e sombras, personagens que me espantam e outros tantos que me encantam, e compartilho com vocês minha reflexão.

Em 1999 a mídia se agitava em torno de previsões e profecias, rankings e listas de figuras que se destacaram no século, no milênio, perspectivas e expectativas sobre o que viria com a mudança do calendário.

Na verdade, calendários são uma convenção humana, invenção prática, balizada pela ciência e atrelada à cultura e à história das civilizações. Por isso temos, hoje, vários calendários em vigor.

Nós, ocidentais, vivemos sob a égide do calendário gregoriano, promulgado pelo papa Gregório XIII e adotado como referência para demarcar o ano civil praticamente no mundo inteiro, facilitando o relacionamento entre as nações.

Temos, também, o calendário judaico, que já está no ano 5774 e tem como início a narrativa bíblica da criação de Adão, o primeiro homem.

Pelo calendário islâmico, ou Hegírico, contado a partir da Hégira, a fuga de Maomé de Meca para Medina, estamos no ano 1434.

O próprio calendário gregoriano cristão, sabemos hoje, tem um erro na sua data inicial, o ano zero, que seria o do nascimento de Jesus Cristo, que teria ocorrido seis ou sete anos antes da data usada como referência.

Como vemos, passado e presente, mais que datas e contagem de tempo, são referências que nos ajudam a pensar o que somos e o que queremos e podemos ser ao longo da vida.

E volto à questão inicial: **Que Igreja somos? Que Igreja queremos e podemos ser?**

Busco resposta num artigo denso e precioso de um mestre, o padre jesuíta João Batista Libanio, que em 1999, em meio ao redemoinho especulativo da virada do milênio, dizia com profunda e profética sabedoria...

***“O futuro não se constrói sobre o nada. Os sinais da Igreja do futuro já estão aí. Não em todas as realidades. Algumas refletem mais o passado que o futuro, a defesa que a abertura, o arcaico que o novo. Tarefa fundamental consiste em discernir no redemoinho das águas aquelas que brotam de fontes vivas e as que fluem da inércia do passado.***

***A Igreja do futuro anuncia-se mais plural que uniformizada. A pluralidade vem da diversidade de experiências. Brota de um Espírito maior que a visibilidade uniformizante e limitante da Instituição. O acento desloca-se dos sinais externos, controláveis e controlados, para as experiências existenciais significativas para as pessoas. Daí a necessidade do diálogo com um mundo plural.***

*O diálogo com a pluralidade implica enorme dimensão de misericórdia, de tolerância. A intransigência combate o diferente porque pensa a sua posição como a única verdadeira. A misericórdia não abre mão de suas próprias verdades e convicções, nem transforma o erro ou a fraqueza do outro em verdade ou virtude, mas responde a eles com perdão e humildade.*

*Pelo perdão, acolhe o outro. Pela humildade, deixa-se também questionar em suas firmezas e certezas, que podem, às vezes, ser expressão mais do orgulho, da dureza e do medo, que da verdade e do bem.*

*A pluralidade vê-se desafiada a construir, na liberdade e consciência, a unidade na diversidade. Não pode ser simples capitulação à fragmentação pós-moderna, nem reação obstinada a ela, mas o esforço de ir tecendo por dentro da diversidade o fio profundo da identidade.*

*Na Trindade é o Espírito Santo de Amor que tece os laços da Unidade na natureza dos Três Divinos. Caberá a Ele, Espírito presente na Igreja de todos os tempos, mostrar que o futuro se tece costurando, no presente, com a linha do amor misericordioso, a unidade plural das comunidades, das experiências pessoais.*

*A Igreja do futuro será mais mistagógica, mística, que catequética, mais simbólica e estética que intelectual e doutrinal. Para as pessoas, os fiéis, será cada vez mais importante o Mistério de Deus, da Trindade. Em vez de quererem conhecê-lo como objeto de estudo e ensino, elas buscarão com sofreguidão quem as ajude a experimentá-lo.*

*E quem poderá fazê-lo?*

*Ora serão mestres ou mestras, ora comunidades, ora ritos, ora celebrações. Mas no centro estará a preocupação de que as pessoas se encontrem com e no Mistério de Deus. Para tal, os símbolos, os sinais, as liturgias, a arte, a música, a beleza, o canto, os ritmos, os cenários, os ambientes, que favoreçam tal contato com o Mistério, exigirão mais atenção, cuidado e esmero que o aprendizado de doutrinas.*

*Em contrapartida de equilíbrio, a Igreja do futuro deve expressar também um compromisso esclarecido com o crescente mundo dos excluídos. Assim, o que se perder de doutrina ganha-se, em compensação, em teoria de práticas de compromisso.*

*A prática continuará seu caminhar importante, iluminada por conhecimentos sempre mais elaborados para que a solidariedade se efetive e seja eficiente.*

*Caminha-se, pois, para uma Igreja mais solidária que corporativista. Mais preocupada com o bem da humanidade que com o seu próprio. Mais voltada para o sofrimento dos seres humanos, marcados pela dor da miséria material, pela carência de sentido na vida, pela tragicidade da doença e da morte, que preocupada em defender seus ritos próprios.*

*Mas, não podemos nos esquecer: uma Igreja voltada para o Mistério, mas sem Compromisso Social, perder-se-ia na alienação. Uma Igreja voltada para o Compromisso Social, mas sem o cultivo do Mistério, não responderia à sede de sagrado do ser humano.*

*Conjugando essas duas dimensões, ela poderá anunciar-se como a Igreja das aspirações desse terceiro milênio”.*

Em tempos de grandes anseios por mudanças profundas na Política, nas relações de poder, na necessidade e na possibilidade do serviço, na busca por respeito à dignidade de todas as criaturas, humanas ou não, na construção de uma relação amorosa e sustentável com o planeta e todos os seus habitantes, conjugar e conciliar Mística e Cotidiano, Sonho e Realidade, talvez seja o caminho, não só para a Igreja Católica, mas para toda a Humanidade.

Eduardo Machado  
João Batista Libanio, SJ

Julho de 2013